

A importância da ontologia e epistemologia na pesquisa qualitativa: refletindo o método de estudo de caso

The importance of ontology and epistemology in qualitative research: reflecting on the case study method

Pablo Peron de Paula¹, Cledinaldo Aparecido Dia²s, Felipe Fróes Couto³, Daiana Ransan Martins⁴, João Guilherme Magalhães-Timotio⁵

RESUMO: A pesquisa qualitativa é por vezes criticada pela sua flexibilidade, subjetividade, tendenciosidade, limites de generalização, falta de representatividade e pelo caráter descritivo e narrativo dos seus resultados. Entretanto, ela se apresenta como adequada para explorar a complexidade de fenômenos multifacetados pois permite a investigação aprofundada de problemas de quantificação complexa. Neste sentido, torna-se necessário estruturar as interseções e interdependências ontológicas e epistemológicas de forma a criar um arcabouço robusto para sustentar a pesquisa. Diante desse contexto, tem-se como objetivo geral investigar as bases ontológicas e epistemológicas que sustentam a pesquisa qualitativa, buscando uma compreensão aprofundada das concepções de realidade e do processo de aquisição de conhecimento subjacentes a essa abordagem metodológica. Outrossim, esta pesquisa se ocupa de lançar luz sobre as bases filosóficas da pesquisa qualitativa, promovendo uma compreensão mais profunda e crítica dessa abordagem metodológica e seu impacto na produção de conhecimento científico. Para tanto, utiliza-se de um ensaio teórico, que é uma pesquisa exploratória, buscando aprofundar a compreensão de conceitos e teorias. Um ensaio se concentra na exploração, análise, síntese e interpretação de teorias, conceitos, ideias e conhecimento existente em um campo de estudo específico. Os resultados demonstram que uma estruturação adequada dos aspectos ontológicos e epistemológicos proporcionam um *framework* robusto para a condução de pesquisas qualitativas com alto nível de validade e confiabilidade. Em conclusão, esta pesquisa sublinha a relevância de considerar as perspectivas ontológicas e epistemológicas na pesquisa qualitativa. As escolhas filosóficas orientam as decisões metodológicas e têm implicações significativas na validade, credibilidade e qualidade da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa Qualitativa; Ontologia; Epistemologia; Estudo de Caso.

¹ Universidade Estadual de Montes Claros, Professor do Programa de Modelagem Computacional e Sistemas, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9930-6306>. E-mail: pablo.peron@unimontes.br

² Universidade Estadual de Montes Claros, Universidade Federal de Minas Gerais, Professor do curso de Administração, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7707-9664>., E-mail: cledinaldo.dias@unimontes.br

³ Universidade Estadual de Montes Claros, Professor do Programa de Pós- Graduação em Desenvolvimento Social (PPGDS) e do Programa de Pós-Graduação Profissional em Desenvolvimento Econômico e Estratégia Empresarial (PPGDEE), ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4928-9920>. E-mail: felipe.couto@unimontes.br

⁴ Universidade Estadual de Montes Claros, Acadêmica do Programa de Modelagem Computacional e Sistemas, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6483-2274>., E-mail: ransanmartinsdaiana@gmail.com

⁵ Universidade Estadual de Montes Claros, Professor do Departamento de Administração, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9622-935X>. E-mail: j.guilhermemagalhaes@gmail.com

ABSTRACT: Qualitative research is sometimes criticized for its flexibility, subjectivity, bias, limits on generalization, lack of representativeness, and the descriptive and narrative nature of its results. However, it is suitable for exploring the complexity of multifaceted phenomena because it allows for in-depth investigation of complex quantification problems. In this sense, it is necessary to structure ontological and epistemological intersections and interdependencies in order to create a robust framework to support research. Given this context, the general objective is to investigate the ontological and epistemological bases that support qualitative research, seeking an in-depth understanding of the conceptions of reality and the process of knowledge acquisition underlying this methodological approach. Furthermore, this research aims to shed light on the philosophical foundations of qualitative research, promoting a deeper and more critical understanding of this methodological approach and its impact on the production of scientific knowledge. To this end, a theoretical essay is used, which is exploratory research, seeking to deepen the understanding of concepts and theories. An essay focuses on the exploration, analysis, synthesis, and interpretation of theories, concepts, ideas, and existing knowledge in a specific field of study. The results demonstrate that an adequate structuring of ontological and epistemological aspects provides a robust framework for conducting qualitative research with a high level of validity and reliability. In conclusion, this research highlights the relevance of considering ontological and epistemological perspectives in qualitative research. Philosophical choices guide methodological decisions and have significant implications for the validity, credibility, and quality of research.

KEYWORDS: Qualitative research; Ontology; Epistemology.

1. INTRODUÇÃO

Criticada pela sua flexibilidade, subjetividade, tendenciosidade, limites de generalização, falta de representatividade e pelo caráter descritivo e narrativo dos seus resultados (Abib & Hoppen, 2019; Daniel, 2018; Hayashi, Martins, 2004; Ollaik & Ziller, 2012; Yin, 2015) a pesquisa qualitativa vem se desenvolvendo expressivamente ao longo dos tempos como uma abordagem fundamental no campo das ciências sociais e humanas, desempenhando um importante papel na compreensão da complexidade do ser humano e do mundo que o cerca (Chizzotti, 2003; Richardson, 2010).

Historicamente, a epistemologia positivista reinou com exclusividade no ceio acadêmico até a década de 70, se apresentando como base fundamental da ciência e da construção do conhecimento (Trivinos, 1987). Focando excessivamente nos métodos quantitativos e na objetividade, essa perspectiva volta-se para o estudo das relações entre variáveis de forma a elaborar previsões e estabelecer relações causais suficientes para apreender e compreender a realidade, negligenciando a complexidade e a subjetividade inerentes às ciências sociais (Demo, 1995).

Com o avanço das transformações sociais e a “pluralização das esferas da vida” (Flick, 2004, p. 17), novas interpretações se fizeram necessárias para compreender o ser humano e suas relações. O racionalismo científico, a objetividade, o utilitarismo mecanicista e o reducionismo não são mais suficientes para responder as inquietações do meio acadêmico (Burrell & Morgan, 1979;

Richardson, 2010). O questionamento ao positivismo o tira do lugar de “modelo único de pesquisa para todas as ciências, baseado no modelo de estudo das ciências da natureza” (Goldenberg, 2004, p. 16). Nesse sentido, urge a necessidade de construção de uma ciência mais holística, interpretativa e crítica, que se ocupe de enxergar as relações sociais e suas propriedades em uma perspectiva mais ampla e profunda. Essa dualidade no modo de interpretar a realidade é responsável por um embate recorrente no meio acadêmico, como se percebe na dicotomia entre a pesquisa quantitativa e a pesquisa qualitativa.

A pesquisa quantitativa caracteriza-se pela sua natureza numérica e estatística, fundamentada na construção do conhecimento a partir de testes padronizados e análises de variáveis. Seu objetivo volta-se para medir e analisar a extensão de um fenômeno, tendo como fim a generalização dos resultados e sua extensão a populações mais amplas (Da Silva, Lopes e Braga Júnior, 2014). Esse potencial de generalização é validado em função da representatividade da amostra, do rigor no detalhamento estatístico e na precisão dada à capacidade de reprodução dos resultados. A confiabilidade é garantida por meio da seleção de amostras, testes de significância e procedimentos padronizados. Ela valoriza a posição objetiva do pesquisador sugerindo o distanciamento do objeto de pesquisa como recurso para minimização da sua influência, uma forma de limitar ao máximo o impacto da subjetividade. Essa tendência à quantificação, que privilegiava as “relações estatisticamente significativas” entre os fenômenos, sustentou – se ainda não o faz – o prestígio e reconhecimento como pesquisador, o que leva Trivinos (1997, p. 31) a afirmar que “dessa maneira, terminava a análise das realidades precisamente no ponto onde devia começar”.

Diferente disto, a pesquisa qualitativa se volta a explorar a complexidade de fenômenos multifacetados, por permitir a investigação aprofundada de questões que não podem ser facilmente quantificadas, tornando-se essencial em campos como ciências sociais, ciências humanas e da saúde (Ahmad et al, 2019; Huston & Rowan, 1998; Madill & Gough, 2008; Mohajan, 2018; Mwita, 2022). Ela permite uma melhor compreensão das experiências humanas, perspectivas e significados, pois consente que os pesquisadores capturem a riqueza e a subjetividade das experiências das pessoas, fornecendo *insights* valiosos para a melhoria das políticas, práticas e intervenções (Mwita, 2022; Rees, 2008; Rey, 2005).

Outro aspecto importante da pesquisa qualitativa está relacionado ao seu caráter interdisciplinar, sendo aplicada em várias áreas, como psicologia, sociologia, antropologia, educação e saúde (Bussetto, Wick; & Gumbinger, 2020; Madill & Gough, 2008; Rees, 2008). Ela promove a colaboração entre diferentes disciplinas, enriquecendo a compreensão de fenômenos complexos por meio de uma abordagem holística, considerando múltiplos fatores, perspectivas e interações. Esta estrutura é crucial para compreender as dinâmicas sociais, culturais e individuais que influenciam os fenômenos estudados. Sua capacidade de explorar a subjetividade, a

contextualização e a interação humana a torna uma ferramenta indispensável para pesquisadores que buscam uma compreensão completa e significativa do mundo que nos rodeia (Bogdan & Biklen, 1994; Minayo, 2010).

Para entender a pesquisa qualitativa em profundidade, é essencial explorar os domínios da ontologia e da epistemologia que a sustentam (Willig, 2023; Gialdino, 2009). A ontologia trata das questões fundamentais relacionadas à natureza da realidade, enquanto a epistemologia se concentra na natureza do conhecimento e na forma como o conhecimento é adquirido. Neste artigo, exploraremos as interseções e interdependências entre a ontologia e a epistemologia na pesquisa qualitativa, destacando como esses elementos fundamentais moldam a abordagem, os métodos e as interpretações dos pesquisadores.

O estudo da ontologia e epistemologia é de vital importância para os pesquisadores que se dedicam à pesquisa qualitativa. Isso se deve ao fato de que essas duas áreas da filosofia desempenham um papel central na definição do escopo, na condução e na interpretação de estudos qualitativos. A ontologia e a epistemologia fornecem uma base filosófica sólida para a pesquisa qualitativa (Gialdino, 2009). Elas ajudam os pesquisadores a compreenderem e articularem suas suposições fundamentais sobre a natureza da realidade (ontologia) e como o conhecimento é adquirido (epistemologia). Essa fundamentação filosófica é essencial para justificar as escolhas metodológicas e as interpretações dos resultados da pesquisa (González, 2020).

A ontologia influencia diretamente as escolhas metodológicas na pesquisa qualitativa. Por exemplo, a visão de mundo subjacente de um pesquisador, como o construtivismo ou o realismo, moldará a maneira como ele coleta e interpreta os dados. O entendimento da ontologia ajuda a alinhar a metodologia com a perspectiva de pesquisa escolhida. Em complementaridade, a epistemologia da pesquisa qualitativa enfatiza a reflexividade, ou seja, a consciência e a consideração das influências do pesquisador sobre o processo de pesquisa. Compreender como o conhecimento é construído e a importância das posições subjetivas do pesquisador é crucial para garantir a qualidade e a validade da pesquisa qualitativa (González, 2020).

Por fim, considerar a ontologia e a epistemologia é essencial para garantir a validade e a credibilidade da pesquisa qualitativa. Os pesquisadores precisam ser transparentes sobre suas perspectivas filosóficas e abordar questões de confiabilidade e generalização de maneira apropriada, dadas as características únicas da pesquisa qualitativa. Dessa forma, a ontologia e a epistemologia desempenham um papel integral na pesquisa qualitativa, moldando a estrutura teórica, a metodologia e a interpretação dos resultados. Compreender e refletir sobre esses aspectos filosóficos é essencial para aprimorar a qualidade e o rigor da pesquisa qualitativa, bem como para contribuir de forma significativa para a produção de conhecimento nas ciências sociais e humanas.

Diante desse contexto, este artigo tem como objetivo geral investigar as bases ontológicas e epistemológicas que sustentam a pesquisa qualitativa, buscando uma compreensão aprofundada das concepções de realidade e do processo de aquisição de conhecimento subjacentes a essa abordagem metodológica.

Esta pesquisa, sobre as bases ontológicas e epistemológicas da pesquisa qualitativa, é motivada por diversas considerações. Dentre elas, destacam-se a importância da compreensão das fundamentações filosóficas da pesquisa qualitativa para pesquisadores, estudiosos e acadêmicos que empregam essa abordagem. Ademais, a integração de abordagens metodológicas tem sido utilizada com mais frequência em pesquisas recentes (Bussetto, Wick, & Gumbinger, 2020; González, 2020; Mwita, 2022) em estudos multidisciplinares. Portanto, o entendimento das diferenças ontológicas e epistemológicas entre essas abordagens é fundamental para a integração eficaz e para o desenvolvimento de metodologias mistas robustas. Outrossim, esta pesquisa se ocupa de lançar luz sobre as bases filosóficas da pesquisa qualitativa, promovendo uma compreensão mais profunda e crítica dessa abordagem metodológica e seu impacto na produção de conhecimento científico por meio de um ensaio teórico.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, exploraremos o que é um ensaio teórico, sua natureza, características e os principais elementos que o compõem. Entenderemos como o ensaio teórico se diferencia de outros tipos de pesquisa, como ele é conduzido e suas aplicações dentro do contexto acadêmico.

Um ensaio teórico é uma forma de pesquisa acadêmica que se concentra na exploração, análise, síntese e interpretação de teorias, conceitos, ideias e conhecimento existente em um campo de estudo específico. Como afirma Meneghetti (2011, p. 323) ele consiste em “um meio de análise e elucubrações em relação ao objeto, independentemente de sua natureza ou característica”. Um ensaio não envolve a coleta de dados empíricos, mas sim a análise crítica e a construção de argumentos com base na literatura existente (Soares, Picolli, & Casagrande, 2018). Neste sentido, a pesquisa em formato de ensaio teórico é exploratória, buscando aprofundar a compreensão de conceitos e teorias. Ela interpreta e recontextualiza o conhecimento existente e seu foco principal reside na análise teórica e conceitual, sendo frequentemente orientado para a contribuição ao desenvolvimento teórico em um campo de estudo (Meneghetti, 2011; Soares, Picolli, & Casagrande, 2018).

Embora o ensaio teórico envolva uma revisão da literatura, ele vai além ao construir um argumento original com base na análise crítica das teorias existentes fornecendo uma síntese e

interpretação de conceitos e teorias, facilitando a compreensão e a aplicação do conhecimento existente (Meneghetti, 2011).

A utilização de um ensaio teórico é particularmente adequada quando o objetivo da pesquisa é explorar e interpretar conceitos, teorias ou ideias em um contexto específico pois visa aprofundar a compreensão de um tópico, propor novas interpretações ou reconceitualizações, e não necessariamente a coleta de dados empíricos. Além do mais, o ensaio teórico permite uma abordagem ampla que transcende as limitações de um contexto específico, tornando-se adequado para a discussão de ideias e permitindo uma maior flexibilidade para explorar várias perspectivas e abordagens conceituais, promovendo a criatividade e a liberdade intelectual na exploração do conhecimento (Meneghetti, 2011).

Por fim, algumas questões de pesquisa são complexas e multifacetadas, exigindo uma abordagem que vá além dos métodos tradicionais. O ensaio teórico permite ao pesquisador lidar com questões complexas e interdisciplinares de maneira abrangente.

3. DESENVOLVIMENTO DE UM *FRAMEWORK* PARA PESQUISA QUALITATIVA

A ideia de construir um *framework* para pesquisa qualitativa volta-se para auxiliar o pesquisador a refletir sobre as bases ontológicas e epistemológicas que sustentam as concepções de realidade e do processo de aquisição de conhecimento, subjacentes à concepção artificial e ligeira da escolha do método. Suas proposições discorrem sobre o pensamento científico e a estrutura que irá auxiliar o pesquisador a definir, explicar e relacionar os principais conceitos, teorias, e métodos que serão utilizados em um estudo.

Adom, Hussein e Agyem (2018) apresentam rica contribuição para explicar a importância do *framework* teórico e conceitual no processo de pesquisa, elucidando que a boa construção teórica torna os resultados da investigação mais significativos e “ajudam a estimular a investigação, assegurando ao mesmo tempo a extensão do conhecimento, fornecendo orientação e impulso à investigação” (Adom, Hussein, & Agyem, 2018, p. 6). Consoante a esse pensamento reconhecemos a importância de trazer à tona a relevância das questões onto-epistemológicas que perfazem o método.

A escolha do método de pesquisa utilizado para abordar o fenômeno estudado ocorre por meio de pressupostos implícitos e explícitos sobre a natureza do mundo social e a maneira como este pode ser investigado, ou seja, depende da ontologia e epistemologia adotada. O pesquisador encontra-se dentro de uma rede de premissas epistemológicas e ontológicas, as quais, independente da verdade suprema ou da falsidade, tornam-se parcialmente auto avaliadoras (Denzin & Lincoln, 2006). A ontologia se refere à questão do ser, à compreensão de como são as coisas (Sacco1, 2009).

Os pressupostos ontológicos pertencem a própria essência do fenômeno pesquisado e reflete a maneira pela qual enfrenta-se a realidade, enquanto os pressupostos epistemológicos apresentam as bases do conhecimento, a forma de compreender o mundo (Burrell & Morgan, 1979). A rede que contém essas premissas epistemológicas e ontológicas do pesquisador é conhecida como paradigma (Guba & Lincoln, 1994).

As diferentes visões ontológicas e epistemológicas proporcionam diferentes paradigmas de pesquisa. Um paradigma constitui-se de um conjunto de crenças, valores e técnicas que formam o posicionamento filosófico compartilhado por uma determinada comunidade (Kuhn, 1962).

As pesquisas qualitativas, geralmente adotam os pressupostos ontológicos da interação sujeito-objeto nos permitem entender que a realidade social é resultado da negociação e compartilhamento de significados entre as pessoas culminando em uma construção social coletiva (Saccol, 2009). Dessa forma, a realidade social não se encontra aguardando para ser descoberta e nem nasce puramente de uma construção mental. Ela representa o resultado da interação entre processos mentais e as características do objeto (Saccol, 2009). Por outro lado, as pesquisas quantitativas buscam explicar o que acontece no mundo social por meio de regularidades e relações entre seus elementos (Burrell & Morgan, 1979) buscando criar teorias gerais válidas para capturar a forma como o mundo social funciona (Donaldson, 2003), pressupondo que todo os fenômenos, naturais e sociais, estão sujeitos a um conjunto de leis invariáveis.

A pesquisa qualitativa, como um conjunto de atividades interpretativas, não privilegia uma única prática metodológica em relação a outra (Denzin & Lincoln, 2011). Ela é um campo interdisciplinar, transdisciplinar e, às vezes, contradisciplinar, que atravessa as humanidades, as ciências sociais e as ciências físicas, portanto, possui um foco multiparadigmático (Denzin & Lincoln, 2006). A variedade de abordagens da pesquisa qualitativa incorpora diferentes epistemologias, tradições e práticas teóricas, com técnicas de análise associadas, abrangendo uma série de estruturas teóricas e empíricas (Frost *et al.*, 2010). Empregam ainda, técnicas que variam desde a análise semiótica, passando pela análise da narrativa, do conteúdo, do discurso, de documentos e até mesmo das estatísticas, das tabelas, dos gráficos e dos números (Denzin & Lincoln, 2006). A pesquisa qualitativa é, portanto, co-constituída, um produto conjunto dos participantes, pesquisadores e suas relações (Finlay, 2002; Flick, 2004).

A pesquisa qualitativa e a pesquisa quantitativa são duas abordagens distintas para a investigação científica, cada uma com suas próprias perspectivas ontológicas e epistemológicas. O Quadro 1 apresenta as diferenças e semelhanças fundamentais entre essas duas abordagens.

Quadro 1 – Análise Comparativa entre a Pesquisa Qualitativa e a Pesquisa Quantitativa

Aspecto	Pesquisa Qualitativa	Pesquisa Quantitativa
Ontologia	Construcionismo Social: A realidade é vista como construída socialmente e subjetiva, variando de acordo com as interpretações das pessoas.	Realismo: A realidade objetiva é considerada como existente e mensurável, independente das percepções individuais.
Epistemologia	Interpretativismo: O conhecimento é visto como subjetivo e contextual, construído a partir das interpretações das experiências.	Positivismo: O conhecimento é considerado objetivo, buscando a objetividade e a generalização.
Instrumentos	Construção de dados por meio de entrevistas, observações, análise de conteúdo, focusgroups etc.	Coleta de dados por meio de questionários, medições, experimentos etc.
Métodos de Análise de Dados	Análise indutiva, envolvendo a extração de temas e padrões a partir de dados textuais.	Análise dedutiva, baseada em estatísticas, testes de hipóteses e validação de teorias.
Generalização	Não busca generalização estatística, foca na compreensão aprofundada de casos específicos.	Busca generalização de resultados para uma população maior com base em amostras representativas.
Rigor Metodológico	Enfatiza o rigor metodológico, com foco na validade e confiabilidade dos resultados.	Enfatiza o rigor metodológico, com ênfase na validade e confiabilidade dos resultados.
Relevância Científica	Tem importância na produção de conhecimento científico e busca contribuir para o entendimento aprofundado.	Tem importância na produção de conhecimento científico e busca contribuir para a objetividade e generalização.
Interdisciplinaridade	Pode ser usada em pesquisas interdisciplinares e complementar abordagens quantitativas.	Pode ser usada em pesquisas interdisciplinares e complementar abordagens qualitativas.

Fonte: Elaborado pelos autores (2023) a partir do referencial teórico.

Adverte-se, todavia, em consonância com as prerrogativas de Günther (2006), que a questão das diferenças entre a pesquisa qualitativa e a pesquisa quantitativa, não se ocupa de decidir-se por uma ou pela outra. Mais do que isso, a questão assume “implicações de natureza prática, empírica e técnica” (Günther, 2006, p. 2007). Cabe ao pesquisador encontrar e usar a abordagem teórico-metodológica que lhe permita melhores condições para se chegar ao resultado que melhor contribua para a compreensão do fenômeno estudado e para o avanço do bem-estar social. Respeitadas essas diferenças, Ahmad et al (2019) propõem a complementaridade das técnicas quando utilizadas em conjunto. Os pesquisadores também podem utilizar técnicas de ambas as tradições simultaneamente.

3.1 INFLUÊNCIA ONTOLÓGICAS E EPISTEMOLÓGICAS NA PESQUISA QUALITATIVA

As perspectivas ontológicas e epistemológicas desempenham um papel fundamental na orientação das decisões metodológicas e práticas da pesquisa qualitativa (Bryman, 2016; Denzin & Lincoln, 2005). Guba e Lincoln (1994) discutem como os paradigmas de pesquisa influenciam as decisões ao longo do processo de investigação, visto que as escolhas metodológicas são influenciadas pelo entendimento que o pesquisador tem sobre a natureza da realidade (ontologia) e sobre como o conhecimento pode ser adquirido e validado (epistemologia). Essas influências se manifestam desde o desenho do estudo até a coleta e análise de dados.

Em relação ao desenho do estudo, ao adotar uma perspectiva construcionista social, fundamentada nas concepções de Kenneth Gergen, seu principal expoente teórico, o pesquisador desafia as noções tradicionais de conhecimento e reconhece a “verdade” como uma construção social, moldada pelas interações sociais e contextos culturais (Castañon, 2004). Rasera, Guanaes e Japur (2004) enfatizam que as ideias centrais do construcionismo social envolvem: a especificidade cultural e histórica das formas de conhecermos o mundo; a primazia dos relacionamentos humanos na produção e sustentação do conhecimento; a interligação entre conhecimento e ação; e a valorização de uma postura crítica e reflexiva. Nesse sentido, sob uma perspectiva construcionista, a ciência deixa de ser pautada “por uma epistemologia dualista da distinção sujeito-objeto”, e passa a ser “um empreendimento da cultura”, orientada por uma epistemologia social (Rasera; Guanaes; & Japur, 2004; p. 158). A partir do construcionismo social o pesquisador reconhece que a realidade é construída socialmente, refletindo na perspectiva de como os participantes do estudo constroem suas próprias realidades, influenciadas por contextos culturais e sociais.

A opção pela epistemologia interpretativista no desenho do estudo, leva o pesquisador a buscar compreender os fenômenos sociais a partir da perspectiva dos indivíduos envolvidos, valorizando a subjetividade e a construção de significados no contexto em que os eventos ocorrem (Guba & Lincoln, 1994; Burrell & Morgan, 1979). Para o entendimento do mundo social a epistemologia interpretativa se ocupa das percepções, dos sentidos, dos pontos de vista, da cultura, dos símbolos e os inter-relacionamentos dos atores sociais envolvidos diretamente com o fenômeno em análise. Ela rompe com a visão dominante do positivismo científico e inaugura uma abordagem que privilegia a compreensão do contexto e das experiências subjetivas, em vez de se concentrar em explicações causais e objetivamente verificáveis. Esse modo de enxergar o mundo permite uma compreensão mais profunda e rica dos fenômenos sociais. À luz do interpretativismo o pesquisador busca “compreender a natureza fundamental do mundo social no nível da experiência subjetiva, fazendo o uso de uma abordagem nominalista, antipositivista, voluntarista e idiográfica, que vê o mundo com um processo emergente criado pelos indivíduos (Paes de Paula, 2015, p. 54). “O comportamento humano não pode ser explicado somente com base em características exteriores e objetivas, como ocorre com os fenômenos naturais” (Prolo, Lima, & Silva, 2018, p. 32).

Ao considerarmos uma epistemologia interpretativista, o pesquisador reconhece que o conhecimento é subjetivo e contextual. Portanto, ele busca compreender as perspectivas e significados dos participantes. Esta interação onto-epistemológica nos conduz a escolha de métodos qualitativos, como entrevistas em profundidade e observações, que permitem a exploração das experiências individuais.

No que tange a produção de dados, a perspectiva construcionista social nos leva a reconhecer a natureza fluida e socialmente construída da realidade e, em conjunto com uma epistemologia interpretativista, valorizamos as interpretações individuais e subjetivas. Portanto, durante a criação de dados, consideramos a importância de interações sociais, relações e contextos de forma a influenciar a escolha de métodos de elaboração e desenvolvimento de dados que enfatizam a observação participante, interações sociais e narrativas pessoais e a utilização de técnicas de construção de dados que permitem aos participantes expressarem suas perspectivas, como entrevistas em profundidade, grupos focais e análise de documentos pessoais.

Em relação à análise de dados, a perspectiva construcionista social nos leva a reconhecer que a realidade é fluida e variável enquanto a epistemologia interpretativista, valoriza a compreensão das interpretações dos participantes. Portanto, durante a análise de dados, a atenção está na forma como as diferentes realidades são construídas e como as interpretações podem variar enfatizando a busca por temas, padrões e significados subjacentes nas narrativas e experiências dos participantes. Neste sentido, privilegia-se a adoção de análises qualitativas que destacam a diversidade de perspectivas.

Por fim, em se tratando da reflexividade e viés, a perspectiva construcionista social nos leva a refletir sobre como nossas próprias visões e valores podem influenciar nossa compreensão da realidade. Portanto, a reflexividade é uma prática comum na pesquisa qualitativa, onde os pesquisadores reconhecem e consideram seus próprios preconceitos e influências. Em complementaridade, a epistemologia interpretativista reforça que o conhecimento é construído a partir de interpretações individuais, ressaltando a importância da empatia e do entendimento das perspectivas dos participantes, minimizando, dessa forma, o viés do pesquisador.

De uma forma geral, as perspectivas ontológicas e epistemológicas na pesquisa qualitativa influenciam cada fase do processo de pesquisa, desde o desenho do estudo até a coleta e análise de dados. Essas perspectivas levam os pesquisadores a adotarem abordagens que valorizam a diversidade de interpretações, a compreensão das compreensões dos participantes e a reflexividade em relação ao seu próprio viés. Essas influências ajudam a garantir que a pesquisa qualitativa seja sensível à complexidade das realidades sociais e subjetivas que está tentando explorar.

3.2 IMPLICAÇÕES ONTOLÓGICAS E EPISTEMOLÓGICAS

A validade e a confiabilidade são dois fatores que qualquer pesquisador qualitativo deve se preocupar ao projetar um estudo, analisar resultados e julgar a qualidade do estudo (Golafshani, 2003). As escolhas ontológicas e epistemológicas desempenham um papel crucial na validade e confiabilidade da pesquisa qualitativa.

Em relação a validade interna, a escolha ontológica evidência o reconhecimento da natureza multifacetada e subjetiva da realidade, desencadeando uma maior ênfase na compreensão das diferentes realidades construídas pelos participantes. No entanto, a validade interna pode ser ameaçada se não for considerado, adequadamente, os vieses e interpretações individuais que moldam a pesquisa. No que tange a escolha epistemológica, evidencia uma valorização da compreensão das perspectivas e significados dos participantes. A validade interna é fortalecida quando os pesquisadores demonstram sensibilidade às interpretações dos participantes e se engajam em análises detalhadas que capturam as nuances das experiências.

No que tange a validade externa, a escolha ontológica destaca a natureza contextual e socialmente construída da realidade implicando em uma generalização das descobertas contextual, uma vez que a realidade é vista como mutável e variável. No entanto, essa escolha pode ser apropriada quando o objetivo é uma compreensão aprofundada e rica do contexto pesquisado. Em se tratando da escolha epistemológica, que enfatiza a subjetividade e a singularidade das interpretações, reafirma-se a impossibilidade da generalização, uma vez que o conhecimento é visto como construído a partir de perspectivas individuais. Entretanto, a validade externa é fortalecida quando os pesquisadores fornecem descrições detalhadas do contexto e dos participantes, permitindo que os leitores avaliem a aplicabilidade das descobertas em outros contextos.

Por fim, quando abordamos o prisma da confiabilidade, a escolha ontológica reconhece que a realidade é construída socialmente, o que pode levar à ideia de que não existe uma verdade objetiva. Apesar das preocupações desencadeadas pelo fato de que a interpretação e a construção da realidade podem variar entre diferentes pesquisadores, a confiabilidade é fortalecida quando os pesquisadores documentam suas decisões de pesquisa e promovem a consistência na análise. Já na escolha epistemológica, que valoriza a subjetividade e a interpretação, a confiabilidade é aprimorada quando os pesquisadores realizam análises detalhadas e transparentes e adotam procedimentos sistemáticos para a coleta e análise de dados.

Em síntese, as escolhas ontológicas e epistemológicas têm implicações profundas na validade e confiabilidade da pesquisa qualitativa. Uma perspectiva construcionista social destaca a natureza mutável e subjetiva da realidade, enquanto uma epistemologia interpretativista enfatiza a subjetividade das interpretações. A validade e a credibilidade são aprimoradas quando os pesquisadores são reflexivos, sensíveis às perspectivas dos participantes e adotam práticas

metodológicas consistentes e transparentes. Essas escolhas metodológicas desempenham um papel essencial na promoção da qualidade e rigor da pesquisa qualitativa.

3.4 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA PARA ESTUDOS DE CASO

Para a definição de uma estratégia de investigação, torna-se necessário um conjunto de habilidades, suposições e práticas para deslocar-se do paradigma para o mundo empírico (Denzin & Lincoln, 2006). Dentre as estratégias metodológicas que permeiam a pesquisa qualitativa, destaca-se o estudo de caso.

São diversos os pesquisadores que debruçam seus estudos para demonstrar como os estudos de caso podem contribuir para a construção de teorias e geração de conhecimento (Alves-Mazzotti, 2006; Eisenhardt, 1989; Silveira & Gomes, 2014; Stake, 1994; Yin, 2015; Martins, 2008). Embora as divergências existentes nos estudos, suas perspectivas reforçam a necessidade de uma orientação onto-epistemológica por parte dos autores, rigor na fundamentação teórica e discussão de resultados à luz de teorias pré-existentes. Os estudos de caso respondem por parte considerável da produção científica, especialmente nas ciências sociais e humanas, todavia, “são vistos como uma contribuição menor por parte do *mainstream*” (Silveira & Gomes, 2014, p. 99). Tal fato, reforça a justificativa a necessidade de trazer à tona discussões que auxiliem a superar os estigmas que limitam o uso dessa metodologia.

No intuito de afirmar o desenvolvimento de uma teoria a partir do estudo de caso Eisenhardt (1989) descreve o seu potencial metodológico para realizar vários objetivos, como: descrever situações; exemplificar exceções ou gerar/complementar teorias, “uma estratégia de pesquisa que se concentra em entender a dinâmica presente em configurações únicas” (Eisenhardt, 1989, p. 534). Baseando-se no uso do estudo de caso, a autora desenvolve um roteiro sistemático para a construção de teorias, partindo de um projeto fundamentado em teorias pré-existentes, mas que não abordaram plenamente o fenômeno pesquisado. A capacidade de explorar fenômenos complexos em profundidade, ao mesmo tempo em que promove a criatividade e o rigor na pesquisa, dão ao estudo de caso a possibilidade de desenvolver novas teorias em áreas onde o conhecimento é ainda limitado.

Na perspectiva de Yin (2015) o estudo de caso pode empregar um design incorporado, isto é, múltiplos níveis de análise em um único estudo, bem como envolver casos únicos ou múltiplos. Como metodologia este desenho de pesquisa permite uma investigação profunda e contextualizada de fenômenos complexos, especialmente quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente delineadas. O autor enfatiza a importância de um bom planejamento para um estudo bem-sucedido, abordando aspectos como definição de questões de pesquisa, construção de um

quadro teórico; escolha dos casos; definição de uma lógica clara de como os dados serão coletados, construídos e analisados.

Definindo o estudo de caso como uma metodologia que se concentra em um fenômeno dentro de seu contexto específico, com o objetivo de compreender as particularidades e as complexidades inerentes a ele, Stake (1994) diferencia o estudo de caso de outras abordagens qualitativas, destacando que seu foco principal é a particularidade e a unicidade. O autor enfatiza a importância de utilizar múltiplas fontes de dados, como entrevistas, observações, documentos e artefatos, para capturar a complexidade do caso. Ele destaca a necessidade de uma abordagem flexível, onde a criação e a análise de dados ocorrem de forma iterativa. No que tange a questão da generalização, Stake (1994) argumenta que o objetivo não é generalizar, mas sim proporcionar uma compreensão rica e contextualizada do caso. Para ele a generalização pode ocorrer através do "relacionamento natural" entre o caso e outros contextos similares, permitindo que os leitores ou outros pesquisadores façam conexões e apliquem os achados de forma relevante.

Os esforços de Silveira e Gomes (2014) e Alves-Mazzotti (2006) se voltam para discutir a aplicabilidade, os usos, os abusos e as arbitrariedades na condução de estudos de casos como técnica e pesquisa. Dando ênfase nos estudos da Ciência Política, Silveira e Gomes (2014), discorrem aspectos inerentes ao estudo de caso, ressaltando suas especificidades, as circunstâncias mais adequadas para o uso e algumas técnicas para seleção de casos e condução de análises empíricas. Primando o campo da educação e embasada nas proposições de Robert Yin e Robert Stake, Alves-Mazzotti (2006) examina a natureza dos estudos de caso e a questão da generalização ou da aplicabilidade do conhecimento gerado por esse tipo de pesquisa.

Não obstante o potencial investigativo do estudo de caso Alves-Mazzotti (2006) discute a visão equivocada de muitos pesquisadores sobre a natureza desse tipo de pesquisa. Muitos reduzem a questão estudada apenas a um recorte espaço temporal, tratando o caso como algo isolado, tanto em sua concepção, desconectando-o discussão corrente na área, quanto em seu desenvolvimento, ignorando o processo de construção coletiva do conhecimento. Como afirma a autora “restringindo a possibilidade de aplicação de suas conclusões a outros contextos, pouco contribuindo para o avanço do conhecimento e a construção de teorias” (Mazzotti, 2006, p. 639).

3.4.1 Seleção dos casos

A seleção de casos é um importante aspecto na estratégia metodológica (Eisenhardt, 1989; Silveira & Gomes, 2014; Stake, 1994; Yin, 2015; Martins, 2008). Além disso, a seleção estratégica e adequada controla a variação externa e ajuda a definir os limites para a generalização dos achados (Eisenhardt, 1989). Dentre as técnicas de seleção dos sujeitos, ou amostragem, têm-se a amostragem teórica. A amostragem teórica é o processo de levantamento de dados para gerar a

teoria, pela qual o pesquisador coleta, codifica e analisa conjuntamente seus dados (Bryman, 2016). Assim sendo, os casos podem ser escolhidos para replicar casos prévios, ampliar a teoria emergente, ou preencher categorias teóricas (Eisenhardt, 1989).

A amostragem teórica preocupa-se com o refinamento das categorias teóricas que emergem no curso da análise de dados coletados (Bryman, 2016), portanto, faz sentido escolher casos como situações extremas e tipos análogos, no qual, as variáveis de interesse são confiáveis e observáveis (Eisenhardt, 1989). Portanto, Bryman (2016) afirma que uma estratégia comum ao selecionar os sujeitos para vários estudos de caso é considerar: a heterogeneidade e a homogeneidade.

Silveira e Gomes (2014), Martins (2008) e Yin (2015) discutem a seleção de casos como uma etapa crucial na condução do método, destacando sua importância para a validade e a relevância dos resultados. Os autores enfatizam que os critérios de seleção de casos devem estar alinhados com a questão de pesquisa e o quadro teórico adotado. Essa seleção permite ao pesquisador investigar a fundo as nuances e complexidades do fenômeno, contribuindo tanto para a especificidade do estudo quanto para a potencial teorização.

Martins (2008) oferece orientações sobre como escolher os casos mais adequados, considerando o propósito da pesquisa e as questões específicas que o estudo busca responder. A eficácia da pesquisa e a qualidade das conclusões dependem, em grande parte, de quão bem os casos foram escolhidos para atender aos objetivos e perguntas do estudo. Uma seleção bem-feita permite que o pesquisador explore o fenômeno de maneira rica e detalhada, garantindo a relevância e a validade das descobertas. O autor atenta para os critérios podem incluir aspectos como a disponibilidade de dados, a acessibilidade dos casos, e a capacidade do caso de iluminar aspectos específicos do fenômeno estudado. As contribuições de Yin (2015) oferecem diretrizes para que os pesquisadores escolham casos que permitam explorar profundamente o fenômeno de interesse e contribuir para o desenvolvimento teórico. Ele enfatiza que a seleção dos casos deve ser estratégica e intencional. Em vez de escolher casos aleatoriamente, o pesquisador deve selecionar aqueles que oferecem as melhores oportunidades para testar a teoria, explorar novos insights ou replicar estudos anteriores. A escolha de casos deve ser orientada pelos objetivos do estudo e pelas perguntas de pesquisa. De acordo com o autor a seleção dos casos deve permitir a generalização analítica, que é diferente da generalização estatística. Enquanto a generalização estatística é baseada em uma amostra representativa de uma população, a generalização analítica se dá através da comparação dos resultados do estudo de caso com uma teoria existente.

3.4.2 Construção de dados

A reflexividade, em suas múltiplas formas, é a característica definidora da pesquisa qualitativa, impactando na coleta e análise de dados, num esforço para aumentar a confiabilidade,

transparência e responsabilidade das pesquisas (Finlay, 2002). Suas interpretações são construídas, primeiramente, pela sistematização do material proveniente das observações de campo, entrevistas e documentos (Denzin& Lincoln, 2006). As estratégias de pesquisa ligam o pesquisador a métodos específicos de coleta e análise de materiais empíricos (Denzin& Lincoln, 2006) e, a evidência coletada, pode ser qualitativa (palavras), quantitativas (números) ou ambas (Eisenhardt, 1989).

Ao utilizar a amostragem teórica, o processo de construção ou produção de dados passa a ser controlado pela teoria emergente, substantiva ou formal (Bryman, 2016). Para contribuir com a construção da teoria, a partir de estudos de caso, a sobreposição frequente da análise de dados com a coleta é essencial (Eisenhardt, 1989). Essa estratégia, além de proporcionar uma vantagem na análise, permite, fazer uso da construção de dados flexível (Bryman, 2016). Uma característica fundamental da construção de teoria a partir de estudos de caso é, a liberdade de fazer ajustes durante o processo de elaboração de dados (Eisenhardt, 1989).

A estratégia de estudo de caso utiliza, principalmente, de entrevistas, de observações e da análise de documentos (Denzin& Lincoln, 2006). As entrevistas representam um dos instrumentos básicos para a criação de dados, utilizados em diversas pesquisas nas ciências sociais, enquanto a análise documental é uma técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja para a promoção de aspectos novos de um tema ou problema (Lüdke & André, 1986).

As entrevistas, na pesquisa qualitativa, buscam a obtenção de respostas ricas e detalhadas (Bryman, 2016), elas são classificadas como estruturadas, semiestruturadas ou não estruturadas. As entrevistas estruturadas geram respostas que podem ser codificadas e processadas rapidamente, enquanto a entrevista semiestruturada lança mão de uma lista de perguntas ou tópicos específicos a serem abordados. Já as entrevistas não estruturadas utilizam, no máximo, um breve lembrete com instruções para limitar a variedade de tópicos (Bryman, 2016). O ponto forte do uso de entrevistas é que, elas permitem a captação imediata e corrente da informação desejada, correções, esclarecimentos e adaptações que as tornam eficaz na obtenção das informações desejadas (Lüdke& André, 1986). Dessa forma, a entrevista qualitativa tende a ser flexível, respondendo à direção em que os entrevistados tomam a entrevista e, ajustando as ênfases da pesquisa com os resultados que emergem no decorrer das entrevistas (Bryman, 2016).

A análise documental busca identificar informações nos documentos a partir de questões ou hipóteses de interesse (Lüdke& André, 1986). Dentre as vantagens para a utilização de documentos, destacam-se a utilização de uma fonte estável e rica de dados, o que dá mais estabilidade aos resultados obtidos; a utilização como evidências que fundamentam afirmações e declarações do pesquisador e; a representação de uma fonte natural de informação (Lüdke& André, 1986). Os documentos, por não terem sido criados especificamente para fins de pesquisa, minimizam a

possibilidade de resultados enviesado, reduzindo assim, a limitação na validade dos dados (Bryman, 2016). A escolha de documentos não pode ser aleatória, geralmente há alguns propósitos, ideias ou hipóteses guiando a sua seleção (Lüdke& André, 1986). Os documentos provenientes de fontes privadas, como empresas, provavelmente são autênticos e significativos e relatam o que ocorre nessa organização, sendo assim, janelas para as realidades sociais e organizacionais (Bryman, 2016).

3.4.3 Análise de dados

Analisar dados é o coração para construção de teorias a partir de estudos de caso, mas é a parte mais difícil e menos codificada do processo (Eisenhardt, 1989). Ao contrário das pesquisas quantitativas que buscam determinação causal, predição e generalização de achados, as pesquisas qualitativas procuram, na análise dos dados, encontrarem iluminação, compreensão e extrapolação para situações semelhantes (Golafshani, 2003). Para a obtenção de sucesso, Eisenhardt (1989) afirma que um passo fundamental é a análise dentro do caso, buscando fazer cruzamentos em busca de padrões. Sendo assim, para uma boa comparação de casos cruzados, torna-se necessários analisar os dados de maneiras distintas.

Para uma análise de dados eficiente, estabelecer uma sequência pré-definida de atividades é de suma importância. Dessa forma, deve-se: a) selecionar categorias ou dimensões, e depois procurar semelhanças dentro do grupo, juntamente com diferenças intergrupais; b) selecionar pares de casos e depois listar as semelhanças e diferenças entre cada par e; c) dividir os dados pela fonte de dados (Eisenhardt, 1989).

No que tange a seleção de categorias, um dos procedimentos clássicos da literatura é a análise de conteúdo composto por etapas como pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados (Bardin, 1977). Essas categorias devem atender aos critérios de exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, objetividade e fidelidade e produtividade (Bardin, 1977; Franco, 2005). Essas categorias podem ser teóricas, derivadas da literatura existente, ou empíricas, baseadas em observações preliminares (Yin, 2014). Após definir essas categorias, o pesquisador deve buscar semelhanças dentro dos casos que compartilham essas dimensões, permitindo identificar padrões ou temas comuns (Alvez-Mazzotti, 2006). Simultaneamente, ele deve explorar as diferenças intergrupais, ou seja, variações entre grupos que diferem em uma ou mais categorias, o que pode revelar contrastes importantes e aprofundar a compreensão das relações causais e contextuais no estudo (Eisenhardt, 1989; Yin, 2014).

Já em relação a seleção de pares de casos e comparação das semelhanças e diferenças entre cada par, recomenda-se identificar duas unidades que compartilhem uma característica central ou contexto semelhante, mas que apresentem variáveis ou resultados contrastantes (Eisenhardt, 1989).

A seleção desses pares pode ser guiada por critérios teóricos ou empíricos, buscando maximizar a comparabilidade em relação a certos aspectos, ao mesmo tempo em que explora divergências em relação a outros aspectos (Eisenhardt, 1989; Yin, 2014). Após a seleção, deve-se listar sistematicamente as semelhanças e diferenças entre os casos, categorizando-as de acordo com dimensões relevantes, como variáveis contextuais, processos ou resultados (Bardin, 1977; Miles e Huberman, 1994). Seguindo essa estrutura, a análise comparativa detalhada permitirá identificar padrões comuns e fatores divergentes, contribuindo para uma compreensão mais profunda das relações causais e dinâmicas envolvidas nos fenômenos estudados.

Por fim, ao dividir os dados pela fonte de dados, pode-se organizar e analisar informações de maneira mais sistemática e aprofundada. Cada fonte de dados, como entrevistas, documentos, observações, e registros audiovisuais, pode ser tratada como uma categoria separada (Bardin, 1977; Yin, 2014). Desse modo, codifica-se os dados de cada fonte de forma independente, identificando padrões, temas e categorias específicas dentro de cada conjunto e, posteriormente, essas análises podem ser trianguladas para verificar a consistência entre as fontes ou para identificar discrepâncias que possam revelar novas perspectivas (Eisenhardt, 1989; Miles e Huberman, 1994). Essa abordagem permite uma compreensão mais robusta e multifacetada do fenômeno estudado, garantindo que as diferentes dimensões do caso sejam exploradas de maneira integrada.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa abordou os aspectos ontológicos e epistemológicos na pesquisa qualitativa, dando ênfase ao desenvolvimento de uma estratégia de pesquisa com estudos de casos. Assim, torna-se fundamental ressaltar as principais conclusões e reflexões que emergiram ao longo deste estudo.

Primeiramente, em relação a natureza da realidade, as escolhas ontológicas demonstram um impacto profundo na maneira como concebemos a realidade em pesquisas qualitativas. A perspectiva construcionista social enfatiza a natureza socialmente construída e subjetiva da realidade, enquanto a perspectiva realista assume a existência de uma realidade objetiva. Em relação à abordagem construcionista social, esta permite uma exploração mais aprofundada das interpretações e perspectivas dos participantes, reconhecendo a riqueza das múltiplas realidades construídas socialmente. Não obstante, por se tratar de um processo de explicação não positivista, a perspectiva construcionista não possibilita a generalização dos resultados, fato muito bem justificado pelo histórico domínio do positivismo científico, como explicado por Thiry-Cherques (2009).

Em relação a natureza do conhecimento, as escolhas epistemológicas afetam a forma como entendemos o conhecimento na pesquisa qualitativa. O interpretativismo valoriza as interpretações

individuais e a subjetividade do conhecimento, enquanto o positivismo busca a objetividade e a generalização. Neste sentido, é possível uma compreensão mais rica e contextual das interpretações dos participantes, reconhecendo que o conhecimento é construído a partir de perspectivas individuais. Do mesmo modo que na abordagem construcionista, o interpretativismo não permite a generalização dos seus resultados.

No que tange a qualidade da pesquisa, algumas reflexões são importantes. A validade e a confiabilidade na pesquisa qualitativa são influenciadas pelas escolhas ontológicas e epistemológicas. A reflexividade, a sensibilidade às perspectivas dos participantes e a transparência metodológica são práticas essenciais para garantir a qualidade da pesquisa. Dessa forma, as decisões metodológicas, como a coleta e análise de dados, devem ser alinhadas com as perspectivas ontológicas e epistemológicas escolhidas. A escolha cuidadosa de métodos que capturam a complexidade das interpretações e experiências é crucial.

Em conclusão, esta pesquisa sublinha a relevância de considerar as perspectivas ontológicas e epistemológicas na pesquisa qualitativa. As escolhas filosóficas orientam as decisões metodológicas e têm implicações significativas na validade, credibilidade e qualidade da pesquisa. A reflexão contínua sobre esses aspectos enriquece o campo e promove uma compreensão mais profunda das complexidades das experiências humanas e da construção do conhecimento. À medida que avançamos na pesquisa qualitativa, é essencial continuar explorando esses aspectos ontológicos e epistemológicos para aprimorar nossa compreensão da realidade e do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ADOM, D.; HUSSEIN, E. K.; AGYEM, J. A. Theoretical and conceptual framework: Mandatory ingredients of a quality research. **International Journal of Scientific Research**, v. 7, n. 1, p. 438-441, jan. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.15373/22778179>.

AHMAD, S. et al. Qualitative v/s. quantitative research-A summarized review. **Population**, v. 1, n. 2, out. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.18410/jebmh/2019/587>.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. **Usos e abusos dos estudos de caso**. Cadernos de Pesquisa, v. 36, n. 129, p. 637-651, dez. 2006.

ANDRÉ, M. E. D. A. D. **Estudo de caso: seu potencial na educação**. Cadernos de Pesquisa, n. 49, p. 51-54, mai. 1984.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BRYMAN, A. **Social research methods**. Oxford: Oxford University Press, 2016.

BURRELL, G.; MORGAN, G. **Sociological paradigms and organizational analysis**. London: Heinemann Educational Books, 1979.

BUSETTO, L.; WICK, W.; GUMBINGER, C. How to use and assess qualitative research methods. **Neurological Research and Practice**, v. 2, p. 1-10, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s42466-020-00059-z>.

CASTAÑÓN, G. A. **Construccionismo social**: uma crítica epistemológica. *Temas em Psicologia*, v. 12, n. 1, p. 67-81, 2004.

CHIZZOTTI, A. **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**: evolução e desafios. *Revista Portuguesa de Educação*, v. 16, n. 2, p. 221-236, 2003.

DANIEL, B. K. Empirical verification of the “TACT” framework for teaching rigour in qualitative research methodology. **Qualitative Research Journal**, v. 18, n. 3, p. 262-275, mar. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/QRJ-D-17-00012>.

DA SILVA, D.; LOPES, E. L.; BRAGA JUNIOR, S. S. Pesquisa quantitativa: elementos, paradigmas e definições. **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 5, n. 1, p. 1-18, jan.-abr. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.7769/gesec.v5i1.297>.

DE PAULA, A. P. P. **Repensando os estudos organizacionais**: para uma nova teoria do conhecimento. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2016.

DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DONALDSON, L. Organization theory as a positive science. In: KNUDSEN, C.; TSOUKAS, H. (Ed.). **The Oxford handbook of organization theory**. Oxford: Oxford University Press, 2003. p. 39-62.

EISENHARDT, K. M. Building theories from case study research. **Academy of Management Review**, v. 14, n. 4, p. 532-550, 1989. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/258557>.

FINLAY, L. Negotiating the swamp: the opportunity and challenge of reflexivity in research practice. **Qualitative Research**, v. 2, n. 2, p. 209-230, ago. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/146879410200200205>.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FROST, N. et al. Pluralism in qualitative research: the impact of different researchers and qualitative approaches on the analysis of qualitative data. **Qualitative Research**, v. 10, n. 4, p. 441-460, ago. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1468794110366802>.

GIALDINO, I. V. Ontological and epistemological foundations of qualitative research. *Forum Qualitative Sozialforschung/Forum: Qualitative Social Research*, v. 10, n. 2, maio 2009. Acesso em: 22 nov. 2023

- GOLAFSHANI, N. Understanding reliability and validity in qualitative research. **The Qualitative Report**, v. 8, n. 4, p. 597-607, Dez. 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.46743/2160-3715/2003.1870>.
- GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- GONZÁLEZ, F. E. Reflexões sobre alguns conceitos da pesquisa qualitativa. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 8, n. 17, p. 155-183, ago. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.33361/RPQ.2020.v.8.n.17.322>.
- GUBA, E. G.; LINCOLN, Y. S. Paradigmas concorrentes na pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Ed.). **Manual de pesquisa qualitativa**. Londres: Sage, 1994. p. 105-117.
- GÜNTHER, H. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 22, p. 201-209, mai-ago. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722006000200010>.
- HAYASHI JR, P.; ABIB, G.; HOPPEN, N. Validity in Qualitative Research: A Processual Approach. **The Qualitative Report**, v. 24, n. 1, p. 98-112, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.46743/2160-3715/2019.3443>.
- HUSTON, P.; ROWAN, M. Qualitative studies. Their role in medical research. **Canadian Family Physician**, v. 44, p. 2453, nov. 1998.
- KUHN, T. S. **The structure of scientific revolutions**. Chicago: University of Chicago, 1962.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MADILL, A.; GOUGH, B. Qualitative research and its place in psychological science. In: KAZDIN, A. E. (Ed.). **Methodological issues and strategies in clinical research**. Washington, DC: American Psychological Association, 2008. p. 437-458.
- MARTINS, G. D. A. **Estudo de caso**. São Paulo: Atlas, 2008.
- MENEGHETTI, F. K. O que é um ensaio-teórico? **Revista de Administração Contemporânea**, v. 15, p. 320-332, mar - abr. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1415-65552011000200010>.
- MILES, M. B.; HUBERMAN, A. M. **Qualitative data analysis: an expanded sourcebook**. 2nd ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 1994.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2010.
- MOHAJAN, H. Qualitative research methodology in social sciences and related subjects. **Journal of Economic Development, Environment and People**, v. 7, n. 1, p. 23-48, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.26458/jedep.v7i1.571>.
- MWITA, K. Factors influencing data saturation in qualitative studies. **International Journal of Research in Business and Social Science**, v. 11, n. 4, p. 414-420, mai. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.20525/ijrbs.v11i4.1776>.

OLLAIK, L. G.; ZILLER, H. M. **Concepções de validade em pesquisas qualitativas**. Educação e Pesquisa, v. 38, p. 229-242, mar. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022012005000002>.

PROLO, I.; LIMA, M. C.; SILVA, L. F. Os desafios na adoção da tradição interpretativista nas ciências sociais. **Diálogo**, n. 39, p. 25-37, dez. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18316/dialogo.v0i39.4110>.

RASERA, E. F.; GUANAES, C.; JAPUR, M. Psicologia, ciência e construcionismos: dando sentido ao self. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 17, p. 157-165, 2004.

REES, D. K. **Considerações sobre a pesquisa qualitativa**. Signótica, v. 20, n. 2, p. 253-274, jun. 2008.

REY, F. L. G. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Thomson, 2005.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 2010.

SACCOL, A. Z. Um retorno ao básico: compreendendo os paradigmas de pesquisa e sua aplicação na pesquisa em administração. **Revista de Administração da UFSM**, v. 2, n. 2, p. 250-269, mai – ago. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/198346591555>.

SILVEIRA, L.; GOMES, A. B. P. **Entre a especificidade e a teorização: a metodologia do estudo de caso**. Teoria e Sociedade, v. 22, n. 2, p. 75-103, jul – dez. 2014.

SOARES, S. V.; PICOLLI, I. R. A.; CASAGRANDE, J. L. Pesquisa bibliográfica, pesquisa bibliométrica, artigo de revisão e ensaio teórico em administração e contabilidade. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 19, n. 2, p. 308-339, mai- ago. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.13058/raep.2018.v19n2.970>.

STAKE, R. E. Case studies. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Ed.). **Handbook of qualitative research**. Londres: SAGE, 1994.

THIRY-CHERQUES, H. R. A validade da generalização. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 7, p. 622-628, dez. 2009.

TRIVINOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

WILLIG, C. Perspectives on the epistemological bases for qualitative research. In: COOPER, H. et al. (Ed.). **APA handbook of research methods in psychology: Foundations, planning, measures, and psychometrics**. Washington, DC: American Psychological Association, 2023. p. 5-22. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0000318-001>.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman Editora, 2015.